

as suas peregrinações. Fixando as linhas principaes do Itinerario, o filho destroe a velha lenda das *Sette Partidas* e as grandiosas phantasias modernas, architectadas por Oliveira Martins. E como estas correm risco de ser aceites e propagadas, como tudo quanto foi escripto pelo meu inolvidavel amigo (tratado pelo destinatario d'esta publicação, com todo o direito, como o maior artista historico que a Peninsula produziu em nossos dias), cumpre-me elucidar rapidamente este ponto.

## IX

## AS VIAGENS DO INFANTE

Eis o que o filho refere, nomeando summariamente os reinos visitados, num longo periodo em que enumera as virtudes do progenitor: «aquele que passando la grande Bretaña y las galicas y germanicas regiones, a las de Ungría e de Boemia e de Rosia pervino, guerreando contra los exercitos del grand Turco por tiempos estovo; e retornando por la maravillosa çibdat de Veneçia, venido a las ytalicas o esperias provincias, escodriño e vido las insignes e magnificas cosas, e llegando a la çibdat de Querino tanjo las sacras reliquias, reportando honor e grandissima gloria de todos los principes e reynos que vido.»

Esta marcha por Inglaterra, França, Flandres e Allemanha á Ungría e de lá pela Italia e Hespanha, é authenticada por todos quantos documentos coevos foram até hoje explorados. Só da entrada na Russia (ou seria a Prussia?) e Bohemia nada de certo consta (1). Sabemos—é o

(1) Como as guerras de Sigismundo contra os Hussitas se prolongaram até 1436, bem pode ser que o Infante batalhasse na Bohemia—embora não contra Ziska von Procznow, fallecido em

proprio Oliveira Martins quem nos faculta os dados precisos—que o viajante se achava em Inglaterra no S. Miguel de 1425, provavelmente depois de longa demora em Oxford e em Paris; e passou por Flandres de 22 de Dez. do mesmo anno até fins de Janeiro de 1426, tocando em Ostende, Udenburg, Gante e Bruges. Em 1426 e 1427 assistiu na côrte de Sigismundo, batalhando contra os Turcos. Na primavera do anno immediato foi obsequiado em Veneza, de onde por Chioggia, Ferrara e Padua (1) chegou a Roma. Ahi se achava ainda a 16 de Maio (2). Da Italia seguiu para Barcelona, onde o achamos em Julho. Teve breve demora em Aranda del Duero, na côrte de D. Juan II, seu primo, em colloquio com Alvaro de Luna, e em Peñafiel, numa entrevista com o de Navarra. Em Setembro de 1428 ja estava de regresso na sua Coimbra, por ocasião dos festejos do casamento de D. Duarte com D. Leonor de Aragão, contrahindo em principios de 1429 o seu proprio consorcio com a filha do ultimo conde de Urgel.

Nos documentos que registam factos da torna-viagem indica-se mais de uma vez que o Infante vinha de visitar o Emperador Sigismundo (3). *Mas nem uma só palavra de Constantinopla, da Terra Santa, de Mecca, da Abassia,*

Out. de 1424.—O primeiro a referir-se á parte tomada pelo Infante na guerra contra os Hussitas, é, salvo erro, A. Bonfinii (1606), que menciona como companheiro d'elle a Erico, Rei da Dinamarca.

(1) De Padua o Infante trouxe uma reliquia de Santo Antonio: «parte do casco ainda com cercilho.» Cf. Figueiredo, *Portuguêses nos Concilios*, p. 61; *Hist. de S. Domingos*, I, 627; Freire d'Oliveira, *Hist. Adm. Lisb.*, II, 550.

(2) Da cidade de Querino levou uma carta muito honrosa de Martinho I a seu pae e o privilegio de os Reis de Portugal se poderem ungir solemnemente á maneira dos de França e Inglaterra.—O Breve está na Torre do Tombo (*Liv. Brev.*, I, f. 55).

(3) P. ex. numa escriptura catalan.—V. Monfar, *Hist. Condes de Urgel* (p. 617 do vol. X da *Col. Arch. Cor. Arag.*, apud, Balaguer, p. 8, nota 4).

do Cairo ou de outra qualquer região africana ou asiatica!

Depois de consultar os documentos, passemos a um rapido exame dos assentos de alguns escriptores quatrocentistas e quincentistas, que se occuparam do Infante. Elle proprio refere-se apenas a usos e costumes de Flandres, na *Virtuosa Bemfeitoria*, assi como ás Universidades de Uxonia e Paris, na mesma obra e em uma carta escripta de Bruges (1) (a unica que resta). Seu irmão, el Rei Dom Duarte indica o reino de Hungria como destino do sobre todos amado e querido irmão, accrescentando que para ahi fôra com pequena tenção de tornar a esta terra (2). Zurrara, o amigo do Condestavel e de Affonso V, menciona em uma das suas chronicas, repetidas vezes, embora só de passagem, a ida através da Allemanha á Hungria contra os Infieis (3). Em Castella, o chronista de D. Juan II, narrando a chegada do viajante com data de 1428, sabe de quatro annos gastos no estrangeiro, e habia estado en *Alemaña e Ungria e Inglaterra e otras partes* (4). Ainda em 1571 Garibay, repetindo esses dizeres, affirmava exclusivamente que o Infante vinha de ver as côrtes dos principes christãos (5). No estrangeiro, o primeiro que se occu-

(1) Impressa por J. P. Ribeiro, nas *Diss. Chron.*, I, 398, e por Oliv. Martins (App. D).

(2) *Leal Conselheiro*, cap. 44.

(3) *Chron. de D. Pedro de Menezes*, cap. 13: «Em este anno de 1425 partio o Infante D. Pedro, 2.º filho del Rey pera Allemanha, onde andou tres annos com o Emperador Segismundo e foi com elle sobre os Turcos, e tornou pera o Regno a cabo de tres annos e veio per Roma; e pelas terras por onde foi e tornou, recebeu muita honra e foi conhecido por muito prudente principe, digno de grande senhorio.»—Ibid. no cap. 27 refere-se á grande afeição «que o Rei de Castela avia a D. Pedro desde o tempo que o Infante viera desde Ungria per sua casa, e assi aquelle Condestavel D. Alvaro de Luna.»—No 38.º ha allusões a um cavalleiro chamado Matheus, natural de Polonia, o qual vivia com o Infante que o trouxera consigo «quando veio d'Allemanha.»

(4) *Cron. de D. Juan II*, a. 1428, c. 14.

(5) *Compendio Hist.*, III, 437, año 1428.

pou d'elle foi Aeneas Sylvius Piccolomini, o illustre secretario e valido do Emperador Frederico III, muito bem informado sobre o Imperio e o Oriente europeu, posto que se engane em miudezas relativas a paeses tão afastados como Portugal (1). Na sua obra *De Viris Illustribus* dediche o trecho seguinte: *Is Petrus juventutis suæ tempore multam orbis partem migravit veniensque ad Sigismundum Cæsarem in Hungria diu cum eo fuit ac in pluribus bellis contra Turchos multa exhibuit virtutes suæ experimenta cui pro stipendio 20.000 auri pondo quotannis dabantur* (2). Outro humanista egregio—mas este chamado a Portugal por Dom João II para preceptor de seu filho—caracteriza-o em 1490 com as palavras: *Vir pace clarus et bellicæ disciplinæ peritissimus qui sub Cæsare Sigismundo stipendia faciens non mediocrem sibi gloriam in Turcas pugnando paraverat* (3). A *Chronica de Nuremberg* (1493) allude á sua digressão através de quasi toda a Europa.

Inquirindo os poetas, encontramos a mesma resposta. O grande aulico Juan de Mena, introduziu nos frouxos e obscuros versos que dirigiu ao Regente—creio que pouco antes de 1449—uma allusão vaga, mas que ainda assim contribuiu por ventura para a criação da lenda das *Sette Partidas*:

(1) No proprio capitulo (29) dedicado a D. Duarte, pae da Emperatriz D. Leonor, onde se acha a passagem transcripta no texto, os erros são numerosos.

(2) Ed. Stuttgart, p. 44-45 (vol. IV da *Bibl. des Liter. Vereins.*)—Seguem notas sobre a Marca Trevisana.—Será bom dizer que o mesmo auctor, ao fallar de Eurico da Pomerania e Dinamarca (no cap. 35) refere expressamente a ida d'elle a Jerusalem. Este principio, parente proximo de Segismundo, em cuja côrte o Infante o podia ter conhecido, se é que não o visitou nos seus estados, tinha algumas gottas de sangue português nas veias, como descendente da Infanta D. Berengaria.

(3) Este trecho, glosa marginal de um poema latino de Cataldo Siculo (*Hist. Gen., Provas*, VI, 397) é repetição textual de outro extrahido por Oliv. Martins (p. 90) da *Hist. Europ.* de Aeneas Sylvius.

*Nunca fue despues ny ante  
quyen viese los atavios  
é secretos de Levante,  
sus montes, insoas y rryos,  
sus calores y sus frios  
como vos, senhor jfante (1).*

Em Portugal Luis d'Azevedo, o primero cortesão compatriota que ousou defender a memoria do vencido, empregou as phrases:

*Nam ha reynos em christãos  
que em todos nam andasse.*

.....  
*Eu andey por muytas partes  
e por outras boas terras (2).*

Será preciso recordar finalmente as palavras do cantor dos *Lusiadas* sobre a fama illustre, ganha em Germania pelo Infante? (3).

Como se vê, tambem aqui, até 1572, quando o folheto que popularizou o nome do viajante já havia tido varias edições, *nem uma só palavra relativa á Terra Santa, Abassia, Constantinopla, Mecca, Chipre e Egypto!* E note-se ainda que esses historiadores citados, não esqueceram de dar noticia de peregrinações á Casa Santa de Jerusalem, planejadas ou empreendidas por outro filho e um neto de D. João I (4), como tambem por um dos que foram companheiros do Infante na guerra contra o Gran-Turco.

Só nos ultimos decennios do sec. XVI, no tempo das mudanças, e nos primeiros do seculo seguinte, época por justos motivos fecunda na propagação de patranhas histo-

(1) *Canc. Geral.* II, 71.

(2) *Idem id.*, I, 451.

(3) *Lus.*, VIII, 37.

(4) Não discuto aqui, se o Conde de Barcellos e o de Ourem realizaram effectivamente o seu plano de ir a Jerusalem; nem tambem pouca a relação em que estas suppostas viagens estão com um voto attribuido ao Conquistador de Ceuta.

ricas e na invenção de apocryphos litterarios é que a figura do que realmente andou por muitas partes do mundo, se tornou legendaria (1). Quanto ao historiador que iniciou o trabalho de vindicar character historico ao absurdo opusculo, vendido nas feiras como *Auto* ou *Livro do Infante Dom Pedro de Portugal o qual andou as sette partidas do mundo* (2), não me admiraria se fosse Faria e Sousa, um dos fabulistas-móres da historia patria, ou talvez o maior. Certo é, pelo menos, que desde que elle fallou (3), os biographos do Infante engastaram a phantasiada ida á Terra Santa e a mais regiões africanas e asiaticas, como facto indiscutivel, na narrativa das suas viagens reaes, invocando o testemunho da tradição, tanto em tratados de litteratura como em obras de historiographia. Todos, sem excepção o fizeram, mas nenhum mais detida e brilhantemente que o ultimo.

Não duvido que o glorificador da inclita geração conhecesse perfeitamente e ponderasse as razões que ha para duvidar da novelesca relação, que mereceria ir no rol dos livros de cavallaria, se fosse escripta com mais alguma elegancia. Á sua perspicacia não podia passar despercebido o facto que nella não se regista um unico dos casos autenticados por documentos relativos á viagem do Infante. Nem tão pouco era capaz de se subtrahir á impressão que o supposto ou verdadeiro Gomes de Santo Estevam, *um dos doze que foram na sua companhia* em busca do Preste João, escrevera muito mais tarde, no sec. XVI, e sem ter visto cousa alguma dos paeses que menciona. Nem á sus-

(1) Já o era quando Cervantes escrevia a 2ª Parte do *D. Quixote*, (II, c. 23).

(2) Em hespanhol: *Historia del Infante D. Pedro de Portugal, en la que se refiere lo que sucedió en el viaje que hizo alrededor del mundo.*

(3) Veja-se nos *Lusiadas* commentados o Canto VIII, estr. 37 e I, 20; assim como no *Epitome* e na *Europa Portuguêsa* os trechos relativos ao Infante.—*Verdades exageradas com mezcla de fabulas* é o que encontrava no *Auto*.

peita que Gomes fôra buscar o que há de positivo nas suas descripções, ás viagens antigas a Jerusalem, como a de Breidenbach, impressa na península antes de 1500, e a de Mandeville (com a qual rivaliza quanto á confecção de patranhas), attribuindo em seguida, por um processo muito natural, as aventuras e maravilhas que relatára, ao mais proeminente entre os viajantes peninsulares do sec. xv. Se preferiu apesar d'isso, aproveitá-lo (supprimindo, é claro, o que era evidentemente fabula, corrigindo Gomes onde elementos certos lh'o permittiam, e adicionando o que, no seu entender, fazia mingua) foi porque o ideal que o guiava, era dar á sua historia aquella unidade synthetica e viva, sem a qual os livros não sahem das esferas eruditas para o terreno aberto ao commun dos leitores. Por amor á arte, o grande escriptor moderno preencheu com hypotheses as graves lacunas que ha no nosso saber a respeito do Infante, indo na pista do ingenuo fornecedor de livros de cordel, ao romancear bellamente o seu Itinerario. E que Itinerario, totalmente diverso, mesmo na parte oriental, de quanto era usual e corrente no sec. xv!

\* \* \*

Com relação ao tempo gasto nessas peregrinações, cada um dos que as contaram, accrescentou o seu ponto, extendendo-as pouco a pouco de tres ou quatro a doze annos. E tambem neste particular Oliveira Martins cerceou apenas a lenda, sem a extirpar. Estava na fé que o Infante sahira de Portugal em 1418, antes de ter sido nomeado *Markgraf* de Treviso, apoiando-se d'esta vez num documento mal interpretado. Repito que podemos seguir os passos do viajante através da Europa de 1425 a 1428, periodo restricto dentro do qual não caberia a sonhada expedição ao Oriente. E repito ainda que não se descobriu uma unica escriptura que provasse a estada do Infante de Portugal no estrangeiro durante os annos de

1418-1424. Muito pelo contrario. Existe na Torre do Tombo o documento de una doação, feita por D. João I a favor do segundogenito, e que prova a sua assistencia na patria ainda em fins de 1420 (1). E o proprio diploma imperial, pelo qual Sigismundo lhe cedeu em Constancia (1419) a Marca Trevisana, mostra que, no acto d'esta memoravel doação, ainda permanecia entre os seus. O Emperador estipula ahi que o novo *Markgraf* receberia 20.000 ducados aureos sómente a contar do dia em que partisse ou partiria (conj. fut. *converterit*) (2) de Portugal, com destino á curia real de Hungria. De onde resulta que não premiava serviços já prestados, mas antes tentava attrahir o valente de Ceuta para um dos baluartes mais expostos do Imperio que urgia defender contra herejes, infieis e bárbaros (3).

Devido á falsa interpretação do trecho alludido, falta na analyse psychologica de Oliveira Martins a ponderação dos motivos que levariam o Senhor de Treviso a tardar quasi um lustro antes de cumprir a promessa dada ao Emperador, como falta o exame dos que o decidiram posteriormente a regressar á patria, de onde se afastara com pouca tenção de voltar, descontentando o seu suzera-

(1) *Chancel. de D. João I*, livro 4, f. 12 v., segundo Sousa, *Hist. Gen.*, II, 70.—Tambem ha breves de 1420 e 1421 que talvez a attestem indirectamente. V. *Bullarium Patronatus Portugallia Regum in Ecclesiis Africa Asiae atque Oceaniae*, ed.-L. M. Jordão, vol. I, p. 12 e 18.

(2) Cf. V. Oliveira Martins, p. 380 *hoc videlicet*, etc.—Do segundo documento ahi impresso parece resultar que o Infante não prestou em pessoa o juramento de vassallagem, e que o seu lugar-tenente fôra, desde 1419, o mesmo João Telles que pediu e alcançou em 1443 do Emperador Frederico a nova confirmação.

(3) Na escriptura emprega-se a formula *in recompensationem servitorum*. Mas, como se infere das phrases que seguem, pensava-se em serviços promettidos. Tambem o futuro Papa Pio II allude a feitos já practicados (*egregia ejus facinora*) e outros que se esperavam d'elle (*propterque alia quae facturum se promittebat*). Penso que os já practicados eram as gloriosas acções africanas, cujo echo reboara ao longe, entusiasmado ambas as curias, a do Pontifice e a do Emperador.

no, a ponto de elle lhe cassar a concessão da Marca (1).

E uma vez que me arrisquei a combater opiniões, direi ainda que nessa analyse subtil, juigo encontrar mais de um elemento espurio. O auctor dos *Filhos de D. João* julgava a principio achar espelhada a verdadeira psyche do Infante nas *Coplas do Menosprezo do Mundo*. E como este poema denuncia no seu auctor não só uma intelligencia finamente culta, e um coração sensível, mas tambem um temperamento muito melancholico, uma alma cheia de saudades de um mundo melhor, inclinada a desprezar as glorias terrestres, desenhou-nos um Infante contemplativo e pessimista. Pela minha parte, reconheço no filho de D. João I e de D. Felipa de Lencastre um sympathico idealista, mais grave do que triste. Mas não julgo, de modo algum, que carecia de tino practico e mesmo de ambição (2). *Em guerra e paz maravilha* (3) batalhou victoriosamente nos campos africanos, e posteriormente contra Turcos e Hussitas. Viajante politico, que ia de côrte em côrte, estudando e negociando com habilidade, ajustou não só o seu proprio enlace com a filha dos Senhores de Urgel, pretendentes á coroa de Aragão, mas ainda (como partidario de Alvaro de Luna) o de sua sobrinha Isabel con D. Juan de Castella. Mais tarde sentava a sua propria prole no throno portugês. Pae de tres princessas e de outros tantos varões (4), educava-os conscienciosamente, e com elles o seu regio pupillo, governando o pais com grande prudencia e actividade durante nove annos, sem se cingir ás ultimas vontades pouco politicas de D. Duarte, e ordenando o importante Codigo de legislação que corre em nome de Affonso V.

(1) Cum promissa non adimpleret rursus Segismundus marchionatum ipsum Venetis concessit.—Aeneas Sylv., *De Viris Illustr.*, p. 45.

(2) O chronista antigo concede-lhe um olhar triste, mas penetrante; um andar mesurado; uma maneira de fallar sentenciosa, mas cheia de graça, e um genio tranquillo.

(3) Tirso de Molina, no *Vergonçoso en Palacio*.

(4) *Foram tres seus filhos reis*, no dizer de Miranda.

E quando morreu, de uma settada perdida, no dia funesto em que sahira a campo com a hoste dos 6.000, como *rebelde leal*, pedindo justiça e vingança, conservava-se ainda robusto e são, apesar de sexagenario. Não quero negar em absoluto que fosse capaz de gastar annos de vida numa viagem ao Oriente, para se extasiar á vista do Santo Sepulcro, como fervoroso christão que era. Mas o que sei, ao certo, é que não foi o poeta-philosopho que compôs as 125 oitavas *De Contemptu Mundi*.

A impressão estranha que a leitura do texto publicado por Garcia de Resende é falsamente attribuido ao filho de D. João I, produziu sobre Oliveira Martins, é o *punctum saliens* d'onde se desenvolveu a psychologia complicadissima e irreal com que o Infante nos apparece na sua obra-prima (1). Compreendo bem que quando mais tarde lhe pude demonstrar o erro em que cahira, o grande artista não tivesse animo de derrubar a estatua que erguera ao Regente, para reconstruir a figura da historia. Contentou-se com substituir na 2.<sup>a</sup> redacção da sua obra as paginas, dedicadas ás *Coplas* na 1.<sup>a</sup> (2), por uma curta nota em que dá o seu a seu dono, accrescentando ainda um capitulo sobre a descendencia do condemnado, no qual esboça o perfil do Condestavel, seu verdadeiro auctor.

Este ultimo sim, este era, na verdade, um sonhador morbidamente melancholico, desilludido muito cedo pelos dissabores de sua vida. Creança precoce, de gentil corpo e gesto discreto (3), nutrido e creado com o tepido leite da bondade humana; dantescamente namorado aos quatorze, e desde então amante e trovador sentido que disputava, ao

(1) Posso dizer que assisti á genese d'esta figura, tendo bem fixada na memoria a conversa de Anthero de Quental com seu amigo sobre o pessimismo christão do auctor do Poema.

(2) *Revista de Portugal*, I e II.—Veja-se o vol. I, 567-573, e confirmam-se essas paginas com a 307 da edição em volume.

(3) Conheço as suas feições unicamente por algumas moedas (Lafuente, II, 203). No tumulto talvez haja reproducção exacta da figura, como no de D. Jaime.

cabo de um lustro de leal amar e fiel servir, a primeira cadeira na côrte do inflamado filho de Vulcão a Macias, como grande e virtuoso martir de Cupido, não menos triste que desprezador da morte. Com dezoito, a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo, no dizer encomiastico do chronista nacional, tomara a peito ser paladino do feminil linhage, realizando o ideal paterno que o filho de D. Felipa e adversario de D. Leonor de Aragão não tivera a fortuna de attingir. Nunca casado, embora chegasse aos 37 (1), viveu na flôr da juventude como bandido e desherdado, sentindo o pungir amargo da saudade. Ao ver succumbir aos golpes da fatalidade toda a familia dispersa, desejou tomar a cruz, aceitando o convite dirigido por Calixto III aos príncipes christãos depois da tomada de Constantinopla. Infeliz num throno que o Regente experimentado teria talvez defendido com exito contra a astuta diplomacia do pae de Fernando o Catholico, morreu finalmente de consumpção, em terra estranha, como o leitor sabe. Sincero quando ia compondo a *Satyra* e as *Coplas do Menosprezo do Mundo*, não o era menos ao redigir a *Tragedia* christanmente pessimista—de 1447 até 1459.

\*  
\* \*

Concluindo este capitulo peço venia para acentuar que não ha sombra de deslealdade nesta tardia critica a certas opiniões de um eminente escriptor, ao qual toda a Peninsula tributa justissima homenagem. Em conversa particular e em correspondencia expus ao meu illustre amigo todos os factos e todas as minhas duvidas, promettendo-lhe detalhar um dia a exposiçãõ que aqui deixo apenas levemente esboçada. Tampouco occultei a Fernando Palha as minhas ideias sobre o Condestavel e as minhas conjecturas sobre o codice, cuja publicação se deve á sua generosidade.

(1) No fim da vida, como Rei de Aragão, é que resolveu consorciar-se com D. Margarida de Inglaterra.

## X

### AS OBRAS DO CONDESTAVEL

Da *Satyra* fallaram proficientemente Amador de los Rios, Octavio de Toledo, Paz y Melia, Menendez y Pelayo. Amargo fruto de amores estorvados, pertence, ainda assim, a um periodo de sossego e gozo relativo na vida do Condestavel, quando vivia na patria (entre Tejo e Guadiana) no seu mestrado de Avis, engolphando-se nas lettras para dominar a sua paixãõ angustiosa. Escripãõ em portuguez, em meados de 1448 (1), foi novamente redigida em castelhano, depois de 1449, na côrte de D. Juan II.

Com relaçaõ ao *Poema do Menosprezo do Mundo*, varios pontos estãõ, pelo contrario, por elucidar—o que, porém, poderá ser feito com vantagem sómente por quem tiver oportunidade de examinar e collacionar os manuscriptos e os impressos que subsistem: o velho codice, coetaneo do Condestavel, datado de 1457, com dedicatoria a D. Affonso V, que se guarda na *Bibl. Nac.* de Madrid (marcado M-69; de 70 ff.); outro tambem do sec. xv que o P.<sup>o</sup> Mendez possuia em tempos (de 153 pag.) (2); os preciosos impressos gothicos, sem anno nem lugar, conservados em Madrid e Londres; e o exemplar de Lisboa que foi aproveitado consecutivamente por Barbosa Machado, Ribeiro dos Santos, a auctora d'estas linhas, e Oliveira Martins.

Não fallo do erro evidente dos que, desconhecendo a

(1) O Condestavel nasceu em fins de 1429; contava quatorze quando se apaixonou; e dezoito, com mais oito mēses, ao redigir as glosas por occasiãõ do eclipse que teve lugar a 29 de Agosto de 1448.

(2) Desconheço o seu actual paradeiro e julgo que Garcia Perez se enganou, affirmando que estava em poder de D. Dionysio Hidalgo.